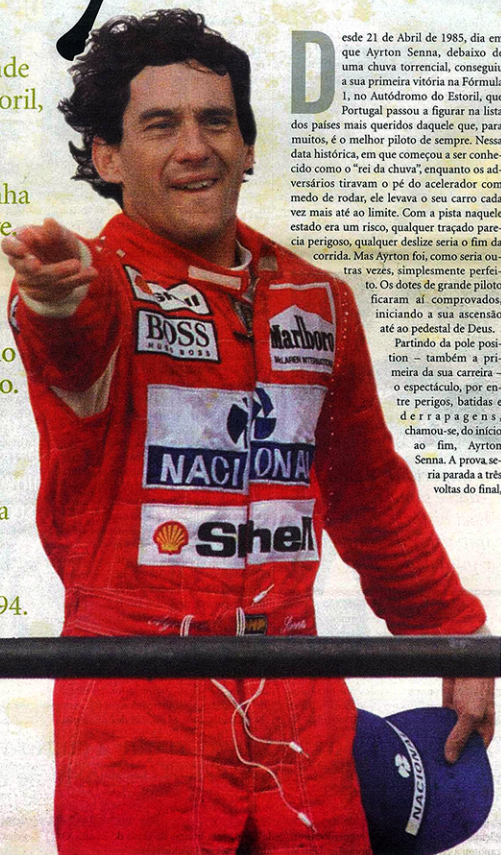


Ayrton

Venceu o seu primeiro Grande Prémio no Estoril, passava longas temporadas em Sintra e tinha casa no Algarve. Génio, piloto completo, perfeccionista. Orgulhosíssimo de ser brasileiro. O rapaz que tinha medo da morte deu de cara com ela aos 34 anos, no primeiro de Maio de 1994.

POR JOSÉ MANUEL SIMÕES



Dese 21 de Abril de 1985, dia em que Ayrton Senna, debaixo de uma chuva torrencial, conseguiu a sua primeira vitória na Fórmula 1, no Autódromo do Estoril, que Portugal passou a figurar na lista dos países mais queridos daquele que, para muitos, é o melhor piloto de sempre. Nessa data histórica, em que começou a ser conhecido como o "rei da chuva", enquanto os adversários tiravam o pé do acelerador com medo de rodar, ele levava o seu carro cada vez mais até ao limite. Com a pista naquele estado era um risco, qualquer traçado parecia perigoso, qualquer deslize seria o fim da corrida. Mas Ayrton foi, como seria outras vezes, simplesmente perfeito. Os dotes de grande piloto ficaram aí comprovados, iniciando a sua ascensão até ao pedestal de Deus.

Partindo da pole position — também a primeira da sua carreira — o espectáculo, por entre perigos, batidas e derrapagens, chamou-se, do início ao fim, Ayrton Senna. A prova seria parada a três voltas do final,

por se terem cumprido as duas horas regulamentares, numa altura em que apenas Albroto não tinha sido dobrado por Ayrton. "Na última volta da corrida, desapareci o cinto de segurança, tal era a minha euforia de levantar e comemorar a primeira vitória", confidencia então.

Depois da bandeira de chegada, alegre e sorridente — apesar de ter perdido a conta das vezes em que esteve a ponto de bater em outro carro e de ter feito insistentes sinais às autoridades a pedir a suspensão da corrida e não ter sido atendido —, Senna não conteve a emoção ao subir ao pódio, chorando quando se deu início ao hino nacional do Brasil. "É um dia muito feliz para mim", afirmou, em lágrimas, para todo o mundo ouvir.

Galvão Bueno, comentador desportivo da Globo, conta o que aconteceu três dias antes deste momento inesquecível para os amantes da Fórmula 1: "Ayrton estava hospedado na Quinta da Marinha e passou lá para conversar antes de irmos para o autódromo. Fomos em dois carros. Antes, ele perguntou o caminho que eu ia fazer e respondi que voltaria para Cascais, dali entraria no Estoril e pronto. Ele disse: 'Ih, rapaz, que besteira! A gente sai aqui na direcção do Guincho, pega uma serra e quando descer já sai no autódromo'. Eu falei que não conhecia o caminho e ele garantiu-me que era só ir atrás dele. Eu fui. Nas ruas, na estrada, ele foi mandando o cacete, e eu atrás. Chegando na serra, era uma coisa assustadora: parede de um lado, precipício do outro. Ele começou a acelerar cada vez mais e eu fui me apavorando. Pensava: não o posso perder de vista, porque se ficar sozinho não sei onde estou. Nunca andei tão rápido na minha vida. O que ele fazia eu fazia — até um ponto em que não deu mais e ele sumiu. Ai dei numa encruzilhada. E agora, vou para a direita ou para a esquerda? Pensei: esse cara fez de propósito. Se mandou e estou perdido aqui no meio deste Portugal. Escolho uma direcção e de repente ouço uma buzina, uóóóó, quando vejo no retrovisor um carro preto crescendo na minha direcção. Olha que eu já estava andando o que imaginava que qualquer cidadão do mundo pudesse andar, mas ele me passou por fora numa curva, deu um cavalo de pau e parou de frente para mim. Morrendo de rir. Ele tinha-se escondido atrás de uma moita, deixou-me passar e alcançou-me lá na frente".

Também Domingos Piedade, jornalista e um dos melhores amigos de Senna em Portugal, refere, em entrevista ao Correio do Brasil, a tendência que o piloto tinha para a brinca-

Máximas do campeão

"No que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio termo. Ou você faz uma coisa bem feita ou não faz."

"Se cheguei onde cheguei e consegui fazer tudo o que fiz, foi porque tive a oportunidade de crescer bem, num bom ambiente familiar, sem problemas econômicos e de ser orientado no caminho certo nos momentos decisivos da minha vida."

"Devo a Deus a oportunidade que tive de chegar onde cheguei. Muitas pessoas têm essa capacidade, mas não têm a oportunidade. Ele deu para mim, não sei porque. Só sei que não posso desperdiçá-la."

"Meus ídolos como pilotos sempre foram Niki Lauda e Gilles Villeneuve. O primeiro pela firmeza e o segundo pela agressividade."

"Nunca levo em conta a possibilidade de um acidente, mas o perigo é constante no meu dia-a-dia."

"Meu sonho não tem fim e eu tenho muita vida pela frente."

O herói revelado, a biografia

O livro, lançado na semana passada no Brasil, foi escrito por Ernesto Rodrigues, ex-chefe da TV Globo em Londres, e concebido com base em 213 entrevistas e sessões próximas de Senna e asinada que, já em trenos no Grande Prêmio de San Marino, o piloto escovou uma conversa telefônica da sua esposa, a modelo e apresentadora de televisão Adriane Galisteu, com um ex-marido que teria afirmado que era melhor de cama que o então campeão mundial. Depois de ouvir a fita, conseguiu pelo irmão Leonardo, Senna mostrou-se preocupado pela situação, o que, segundo o autor da biografia, pode ter interferido no seu estado de espírito durante a competição que lhe custou a vida.

A publicação descreve com detalhe a vida amorosa de Ayrton Senna com sua esposa Lilian de Vasconcelos e com as namoradas Adriane Yamai, Cristiane Ferrucci, Xuxa e Adriane Galisteu — com quem, até hoje, a família do piloto não se dá —, fazendo ainda referência aos ataques fora das pistas dos

seus rivais, o francês

Alain Prost e o

brasileiro Nelson

Piquet, que em

várias ocasiões,

afirmaram que

Senna era

homossexual.



Senna, o dvd do tributo

Obrigatório para os amantes da Fórmula 1, o dvd duplo é legendado em português. Um documentário produzido em colaboração com a família e a Fundação Ayrton Senna, em favor da qual as vendas são revertidas.



dez anos sem

Senna

deira e para a velocidade, mesmo fora das pistas. Entre inúmeras histórias vivenciadas com o amigo, recorda "a sua forma, por vezes bem rapidinha, de guiar nas auto-estradas alemãs, as únicas no mundo sem limite de velocidade, o que o encantava e o levava a testar, na verdadeira acepção da palavra, os limites dos carros e de quem, como eu, tinha a felicidade ou o 'azar' de o acompanhar". Salientando o exemplo legado por Senna "para a juventude do Brasil, que ele adorava" e conclui: "A par da minha família mais próxima, Ayrton está todos os dias no meu pensamento, presente na minha sala de escritório na fábrica, em casa e até no Autódromo do Estoril, continuando a fazer parte da minha vida quotidiana".

Ao que consta, nos dias de competição, Senna era intratável, "ou seja, para ele existia apenas o seu trabalho, ignorando, pura e simplesmente, tudo o resto, tanto o que se referia ao meio ambiente como às próprias pessoas. Aliás, nos fins de semana de corrida, se as coisas não estivessem a correr bem, os próprios amigos eram vitimados pelo seu feitiço". Fora das pistas, é sabido, Senna era precisamente o oposto, sempre pronto para uma brincadeira.

Segundo Domingos Piedade, "a força de vontade, a quase cegueira pela perfeição e pelo profissionalismo, a concentração total, a dedicação sem limites ao seu desporto, para além de um talento supranatural que nasce cada duas ou três décadas, fazem de Ayrton Senna uma pessoa perfeita no seu comportamento dentro e fora das pistas".

Tal opinião é corroborada pela "namorada portuguesa" do piloto, que pede anonimato. Fala de Beco, "por ter convivido de perto com uma pessoa tão espetacular, aberta, simples e emverganhada. Ele era invulgarmente persistente, convicto dos seus ideais, empreendedor, revoltado com as injustiças, divertido e bem disposto". Como se os dez anos que passaram desde a última vez tivessem sido ontem. Como se ainda não acreditasse naquele momento "impossível e inquestionável que ficará para sempre nas nossas memórias".

Portugal era um dos destinos preferidos de Ayrton, daí ter comprado uma casa no Algarve e visitar com frequência alguns amigos que o recebiam em Sintra. Certo vez, a um desses amigos mais próximos, António Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, mecenas do desporto brasileiro, Ayrton pediu que lhe procurasse uma quinta parecida com a sua, cuidadas de todos os detalhes e fizesse a compra. Além de confiar no requinte e bom gosto de Braguinha, Ayrton temia que, caso tratasse

pessoalmente do negócio, o preço do imóvel sofresse um aumento descomunal. Como era realmente um grande amigo de Senna, Braga escolheu uma quinta esplendorosa e fechou o negócio com um inglês com um ar bastante antipático. Na hora da assinatura da escritura continuou o antigo proprietário que quem ia assinar os documentos era o piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, ao que o inglês respondeu: "Não o conheço. Detesto desporto e já-me assistiu a uma corrida". Depois de resolvida toda a papelada, o velho Senna de frente e exclamou: "Como a quinta era para o senhor Braga, banqueiro, brasileiro riquíssimo, aumentei bastante o preço. Ele, como tem muitos posses, pagou sem regatear". De qualquer



"O importante é ganhar. Tudo e sempre. Essa história que o importante é competir é pura demagogia."

das formas, o piloto gostava imenso dessa propriedade e nela vivia alguns dos bons momentos que teve em sua curta vida.

Consta que, ali, na tinha jeito em contar aos amigos portugueses a sua decisão de mudar algumas situações mais delicadas por que tinha passado, nomeadamente os acidentes, como aquele, ocorrido no dia 24 de Setembro de 1991, no Grande Prêmio de Portugal, em que chocou com Nigel Mansell. Pior, em Junho desse mesmo ano, em que, no treino no México, capotou na curva mais veloz do circuito. Um mês e cinco dias depois, sofreu um acidente ainda mais grave a 15 minutos do término dos testes de classificação do circuito da Alentejo. O pneu traseiro esquerdo furou, catapultou a cerca de 320 km/hora. Também aí,

tirou o capacete sozinho e saiu andando.

Era este o Ayrton que todos conhecíamos. O herói, imortal, que por vezes era como se não estivesse a pilotar o carro conscientemente, como se pilotasse por instinto. Certa vez, disse ter visto Deus numa curva, o que levou Prost a comentar: "O problema é que Ayrton acredita excessivamente em Deus e, por isso, arrisca demais".

Domingos Piedade confessa: "O desporto que mais amo e sempre defendi pessoal e profissionalmente, o automobilismo de competição, possui um risco que nem é inevitável nem eliminável a 100% e que me levou os dois entes mais queridos que tinha nesta moldadeira: Ayrton Senna e Michele Alboreto". Contudo, nunca imaginou que algo de semelhante pudesse acontecer. Devido à tragédia que vitimou os seus dois melhores amigos da Fórmula 1, tem hoje "uma certa forma mais afastada emocionalmente de qualquer um dos pilotos, por razões óbvias e por respeito a esses dois grandes nomes do desporto".

A batida do Williams no muro da curva Tamburello, no Grande Prêmio de San Marino, contrariava tudo o que se tinha visto sobre Senna na Fórmula 1. Piloto hábil e perfeccionista, capaz de manter concentrado em todos os detalhes durante toda a prova, o acidente fatal não teria sido por falta humana, mas da máquina que guiava pela terceira vez numa corrida e sobre a qual afirmou, na primeira vez que a testou: "Ou eu não me adaptei ao carro, ou o carro não foi com a minha cara".

Na memória de todos nós, mantém-se o Williams de Ayrton a sair de frente: A 310 km/h a coluna de direção partiu-se. Senna em 6ª e fundo volta o volante para a esquerda. O Fórmula 1 não obedece. Trava. Consegue diminuir para cerca de 230 km/h. Não havia gravilha nem areia. A escapatória não estava lá. Bate no muro num ângulo de 22 graus. A roda da frente do lado direito salta com um braco da suspensão agarrado que, como uma lâmina, perfura a vassoura do capacete e entra no crânio de Senna. A morte foi imediata. Chorámos, chocados, incrédulos.

No sábado, 1 de Maio, faz dez anos que morreu o tricampeão mundial de Fórmula 1. Um dia em que se reverencia um mito ainda vivo, um dos mais completos representantes do desporto, cujo nome está em estradas, avenidas, ruas, túneis, bairros, monumentos, parques. Com profunda consternação internacional foi enterrado em São Paulo, no dia 5 de Maio, com honras de chefe de Estado. O adeus nunca será dado. >